XXVIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA
LUGARES DOS HISTORIADORES: VELHOS E NOVOS DESAFIOS 27 A 31 DE JULHO DE 2015 FLORIANÓPOLIS - SC

O heroísmo como artefato: interfaces na narrativa autorreferente de Couto de Magalhães, Getúlio Vargas e Cândido Rondon

ROBSON MENDONÇA PEREIRA*

A retomada da biografia se desenvolveu nas últimas décadas na seara aberta pela Nova História Política, sobretudo na análise do discurso autográfico e na revisão de categorias basilares da historiografia como a noção de indivíduo e de seu papel na sociedade, da fabricação do protagonismo histórico, da prática da biografia como mecanismo para reabilitação de sujeitos históricos. A revalorização da subjetividade como elemento importante a ser incorporado nas análises historiográficas reacende antigas e importantes indagações: Como avaliar o papel do indivíduo na história? Qual a relevância da biografia (e da autobiografia) nos estudos históricos? Quais os instrumentos de análise mais adequados para lidar com a memória subjetiva? Para tanto, escolhemos analisar a escrita de si produzida por três personagens significativos da história nacional: o diário íntimo do General José Vieira Couto de Magalhães (1837-1898), o diário do presidente Getúlio Dornelles Vargas (1882-1954) e a (auto)biografia baseada em seus diários de campo do Marechal Cândido da Silva Rondon (1865-1958).

Em narrativas biográficas é frequente a consulta ao arquivo pessoal do biografado. A correspondência pessoal recheada de cartas, bilhetes, telegramas, cartões postais e objetos que guardam uma memória particular ou "memória de si" construída segundo diferentes motivações para os indivíduos: em função do valor intrínseco dos arquivos, como uma prática de arquivamento pessoal ou com a intenção propriamente autobiográfica (ARTIÈRES, 1997, p.11-12). Assim se obtém o desejado efeito de verossimilhança, manipulando um material autobiográfico, no qual a sinceridade do biógrafo que se apossa da vida do biografado, revelando detalhes e minudências, adentrando a sua intimidade e seu inconsciente para produzir uma identificação significativa. O biógrafo se utiliza também de artifícios narrativos próprios da ficção para preencher as lacunas, construir um sentido e uma atmosfera de época para um leitor contemporâneo que se sente convencido pelo “efeito do vivido” ou “efeito do real”, pois a leitura permitir-lhe-ia uma experiência de imersão que o aproximaria do cerne do personagem (DOSSE, 2009: 68).

* Professor de História Contemporânea e Coordenador do PPGSS em Territórios e Expressões Culturais no Cerrado da Universidade Estadual de Goiás. Doutor em História (UNESP/Franca) e pós-doutor em História Social (USP). Bolsista do Programa de Incentivo à Pesquisa e Produção Científica (UEG). robsonmenper@hotmail.com.br.

François Dosse aponta para algumas características especiais e problemáticas relacionadas ao gênero biográfico. Em primeiro lugar, seu caráter híbrido uma vez que a biografia estaria situada numa espécie de "ponto médio entre ficção e realidade histórica", situação que apresentaria dois tipos bem distintos de escrita biográfica: um marcadamente obsessivo e atento às minúcias, e outro menos preocupado com a verdade factual, mas procurando impor um "tratamento literário cuidadoso" (DOSSE, 2009: 12-4). Em segundo lugar, a tarefa do biógrafo de narrar uma vida sempre esteve sujeita as variações nas expectativas dos leitores conforme a época implicando em modificações no formato do texto (LORIGA, 2011: 14-16). No entanto, persistem com o tempo algumas tendências na composição da narrativa entre os biógrafos como a vocação romanesca, a ânsia de erudição e a insistência em um discurso moral exemplar (BURKE, 1997: 83-97).

Plutarco em sua obra **Vidas Paralelas** desenvolveu uma técnica interessante ao conceber suas biografias como um exercício de comparação dos méritos e defeitos de heróis gregos e romanos. Exalta assim as virtudes morais das "vidas" através da tensão permanente no qual o sujeito é moldado pela práxis, pois o verdadeiro herói reage ao destino, se submete ao princípio da defesa da pátria contrapondo-se as suas próprias ambições pessoais, colocando-se à disposição para lutar por algo maior do que sua própria existência (DOSSE, 2009: 128).

Reabilitado durante a Renascença e lido pelos príncipes, Plutarco influenciou os biógrafos contemporâneos fascinados por seu modelo que permitia citar detalhes da intimidade do biografado e assim poder descrever a personalidade individual, abordando ao mesmo tempo a esfera pública e privada. Burke (1997) assinala algumas das características dessas biografias renascentistas que geraram uma espécie de modelo de composição com regras e convenções próprias que chegam a influenciar as biografias no período moderno. Quanto ao tipo de pessoa, havia predileção por personagens históricos (reis, rainhas, filósofos, generais e literatos), ao qual eram atribuídas virtudes que pertenciam a imperadores romanos. Prevalece a estrutura temática, as chamadas profecias sobre a grandeza futura do herói, as descrições pormenorizadas de rituais de maneira dramática e patética, a ênfase nas falas dos personagens e a aproximação do estilo de biografia renascentista com o estilo de ficção do período (BURKE, 1997: 83-97).

Nesse último tópico pode se assinalar que a segunda metade do século XVIII imprimiu significativa alteração no panorama cultural. Na era da filosofia das Luzes e da

modernidade, a ideia de indivíduo único substitui a noção de exemplaridade, a consciência do desenvolvimento da personalidade se superpõe a concepção estática amparada na ideia de destino manifesto (LORIGA, 2011: p.23).

A Revolução Francesa colocou em primeiro plano o "Grande Homem" que substituiu a antiga noção de herói que permanece apenas por sua identidade patriótica. O súbito desaparecimento dos referenciais durante o período revolucionário permite a disseminação dos sujeitos biografados, corolário de uma "sociedade que se democratiza e atribui ao indivíduo um valor cada vez maior" (DOSSE, 2009: 170). O surgimento do "Panteão" francês em 1791 e dos Dicionários Biográficos, com o intuito de celebrar os indivíduos e suas trajetórias em favor da nação em suas múltiplas encarnações, realiza na verdade um objetivo anterior à própria revolução de repertoriar as vidas daqueles que alcançaram certa notoriedade na esfera de sua competência (ENDERS, 2000: 41-62).

A passagem para o século XIX significa paradoxalmente o início do eclipse da biografia determinado em boa parte pelo conflito latente com a história, que passava por intenso processo de legitimação de seu status como disciplina do conhecimento. Nesse ínterim, o campo da história necessitava de bases sólidas e estáveis para operar seu objeto, daí a enorme desconfiança em relação à "capacidade dos nossos sentidos de apreender a verdade" e com isto a percepção a respeito das limitações da subjetividade (LORIGA, 2011: 12-3). Jules Michelet procurou apresentar uma solução para esse impasse quando resolveu biografar a nação, elegendo o povo como novo sujeito histórico que entra no lugar do herói da revolução.

A operação historiográfica de ocultação do indivíduo "atrás de categorias impessoais" que provocou o "esvaziamento da explicação histórica" não se caracteriza como um debate unívoco e monolítico. Loriga (2011) ao se debruçar sobre a história biográfica do século XIX percebeu que alguns historiadores compartilhavam convicções relacionadas ao lugar do indivíduo no processo histórico-social. Percebiam nele uma autonomia criativa capaz de transformar uma sociedade percebida como "obra comum" dos sujeitos que a integravam. Ao postular uma "dimensão individual da história" esses autores destoavam da proposta historicidade linear e unidimensional que segregou a biografia.

Sem dúvida, a biografia no oitocentos se torna um subgênero repudiado por muitos historiadores, mas um ofício ao qual se dedicam jornalistas e amadores. O distanciamento entre história e biografia aumenta consideravelmente na passagem para o novo

século. Em 1903, François Simiand em artigo combate o que chama de "ídolos dos historiadores": a cronologia, a política e, sobretudo a biografia. Essa reflexão se incorpora ao projeto dos fundadores da revista dos **Annales**, Lucien Febvre e Marc Bloch, ao adaptarem ao território dos historiadores o programa durkheiminiano, para o qual a sociedade condiciona o indivíduo, privilegiando os fenômenos de massa. O estruturalismo de Braudel deu continuidade a essa interpretação ao privilegiar a "longa duração", um tempo civilizatório no qual a história desembaraçada do indivíduo tem como sujeito o espaço geográfico, nos quais os acontecimentos se caracterizam pela sua irrelevância. Nos anos 1970 a *Nouvelle Histoire*, com Pierre Nora e Jacques Le Goff consideram o gênero biográfico um tipo inferior de história narrativa, defendendo a descentralização da disciplina no qual o homem deixa de ser sujeito.

Uma perspectiva autobiográfica nos diários de Getúlio Vargas, Couto de Magalhães e na biografia de Cândido Rondon

Algumas vezes o biografado ao trabalhar com a memória de si produz uma reflexão construindo um discurso seu a partir de discursos dos outros. Esse meta-arquivo se constitui em fragmentos autobiográficos diversos que expressam da parte do titular um desejo de construção de uma autoimagem, isto é, da maneira como pretende ser lembrado depois de sua morte (FRAIZ, 1998: 74-7).

Entre estes materiais destaca-se o diário íntimo, *jornal intime* ou *diary*, um tipo de escrita autorreferente bastante singular identificado com a narrativa autobiográfica. Philippe Lejeune nos seus estudos relacionados à autobiografia dedicou-se ao estudo dos diários traçando-lhe alguns aspectos normativos envolvidos na sua análise. Insiste na concepção do diário como uma modalidade de escrita cotidiana, "uma série de vestígios datados", em geral manuscrito pela própria pessoa, em primeira pessoa, cujo conteúdo não poderá ser alterado, aspecto que reforça seu caráter individualizante e sua existência única (2008: 260). A base dos diários é a data contida no registro ou entrada, que é o primeiro gesto do diarista que anota acima do que vai escrever. O diário serviria para construir ou exercer a memória de seu autor que se inscreve na duração, por esse motivo, fragmentação e repetição é um dos traços invariáveis comuns.

Para Lejeune tanto no diário quanto na autobiografia percebe-se a persistência de um núcleo comum: a existência de um pacto referencial que se fundamenta na identidade entre autor, narrador e personagem, identidade esta do qual o leitor não deve duvidar, pois se sustenta na convicção da honestidade do próprio relato proferido, não importando se este seja verídico ou não (FRAIZ, 1998: 74-5). Apesar do diário não cumprir todas as condições estabelecidas para ser reconhecido como narrativa autobiográfica do ponto de vista formal, reflete de alguma maneira a necessidade cada vez mais crescente da escrita de si (LEJEUNE, 2008: 14).

A tradição da prática do diário, assim como outras modalidades de escrita de si, parece ter sido incentivada no norte da Europa. Este gênero era considerado suspeito na porção mediterrânea do continente em países de língua latina e cultura católica, de maneira que o contexto brasileiro e mesmo ibero-americano teria herdado esse preconceito, visto a quase inexistência do diário pessoal e da escrita íntima como gênero literário por largo período.

Para Gilberto Freyre, pioneiro na utilização desse tipo de material em suas reflexões[1], faltaria motivação aos povos dos trópicos para o chamado "exame de consciência", feito em geral no confessionário do padre. Tal argumento de cunho religioso é rebatido por Cabral de Mello que aponta para dois possíveis fatores explicativos: o baixo nível educacional que prevalece até as primeiras décadas do século XX, dificultando o exercício da escrita pessoal, e a ausência de uma "cultura da vida privada" nos países de colonização ibérica, ao contrário daqueles de cultura protestante que a desenvolvem precocemente (1998: 386-8).

Maria Helena Machado aponta para aspectos análogos aos apontados por Cabral de Mello ao afirmar que a raridade desse tipo de fonte histórica se daria em uma sociedade "pouco afeita às letras em geral, e menos ainda à valorização do registro pessoal e da reflexão íntima" vindo "apenas tardiamente, em tempos mais modernos, via psicanálise [...], vulgarizar-se a escrita do diário" (MAGALHÃES, 1998: 21).

Deduz-se disso a importância assumida pelos diários íntimos, algo que se torna mais contundente no caso de personalidades públicas, seja por envolver apreciações privadas pouco comuns, ausente mesmo na documentação epistolar do personagem, revelando

[1] É notável o uso que fez dos diários em obras seminais como *Sobrados e Mocambos* e *Ordem e Progresso*. Freyre se envolveu pessoalmente na publicação de seu diário que retrata sua formação como intelectual, desde Recife até sua ida para Europa e depois para os Estados Unidos. (In: FREYRE, Gilberto. *Tempo morto e outros tempos*: trechos de um diário de adolescência e primeira mocidade: 1915-1930. São Paulo: Global, 2006, pp.11-15).

circunstâncias especiais, momentos de hesitação e incertezas que tingem de veracidade os eventos vividos. Para Calligaris a escrita do diário permite desenvolver uma "imagem da vida interior", produto da meditação constante com o qual o indivíduo refaz sua própria biografia, para si mesmo e para os outros (CALLIGARIS, 1998: 46).

Remetendo-se ao universo dessa pesquisa que trata de diários de governantes e militares que tiveram trajetórias significativas no âmbito da historiografia nacional, pode-se afirmar que no contexto brasileiro poucos políticos legaram a posteridade o registro de suas impressões pessoais na forma de diários. E muito pouco do que existe mereceu publicação integral e análise acadêmica.

O diário do presidente da República Getúlio Dornelles Vargas escrito entre os "anos quentes" de 1930 e 1942, é um desses exemplos raros, investigação que envolveu um extenso trabalho de transcrição dos manuscritos originais por pesquisadores da Fundação Getúlio Vargas. Em sua apresentação Celina do Amaral Peixoto (GETÚLIO Vargas, 1995, v.1: VII-XIII) procura classificar o diário de Vargas como estritamente "pessoal" por se tratar de um "guia para a própria vida", diferenciando-se do diário íntimo, separando vida pública e vida pessoal. Por se tratar de uma figura proeminente na história política brasileira, um marco divisório entre a chamada Primeira e Segunda República, seu diário provocou alguma discussão a respeito de possíveis revelações sobre sua personalidade e avaliações acerca de seu verdadeiro papel nos eventos do Brasil contemporâneo em meio à facetas díspares como a do líder revolucionário de 1930, a do presidente carismático e "pai dos pobres" construído pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) do Estado Novo, do ditador ou de mártir heroico a partir de seu suicídio em agosto de 1954.

Na primeira entrada de seu diário, Vargas que era ainda apenas um dos líderes revolucionários parece prenunciar o papel histórico que lhe caberia na vida do país não deixando dúvidas sobre sua intenção com o registro sistemático de suas ações no diário:

> 3 de outubro de 1930
>
> Se todas as pessoas anotassem diariamente num caderno seus juízos, pensamentos, motivos de ação e as principais ocorrências em que foram parte, muitos, a quem um destino singular impeliu, poderiam igualar as maravilhosas fantasias descritas nos livros de aventuras dos escritores da mais rica fantasia imaginativa. O aparente prosaísmo da vida real é bem mais interessante do que parece. Lembrei-me que, se anotasse diariamente, com lealdade e sinceridade, os fatos de minha vida como

> quem escreve apenas para si mesmo, e não para o público, teria aí um largo repositório de fatos a examinar e uma lição contínua da experiência a consultar.
> Não o fiz durante a minha mocidade, cheia de tantos episódios interessantes e dignos de anotar que se vão apagando pouco a pouco da memória. Depois, o trato contínuo com os homens e as observações feitas sobre os mesmos em fases e circunstâncias diferentes nos habilitam a um juízo mais seguro.
> Lembrei-me disto hoje, dia da Revolução. Todas as providências tomadas, todas as ligações feitas. Deve ser para às 5 horas da tarde. Que nos reservará o futuro incerto neste lance aventuroso? Impossível reconstituir os antecedentes. (GETÚLIO Vargas, 1995, v.1: 3)

Neste trecho o que se percebe é uma estratégia muito comum para a maioria dos diaristas que no intuito de reforçar o efeito de estabilidade e coerência constituem uma narrativa linear para atestar a confiabilidade do seu testemunho. Vargas afirma escrever com honestidade consigo mesmo, traço comum nesse tipo de escrita. Mesmo sem ter ainda em conta que seu texto se dirige ao público não estaria de alguma maneira construindo seu próprio protagonismo? Peixoto assinala que uma das características mais notórias sobre os diários é que se caracterizam pela ambiguidade: "Escritos buscando a cumplicidade do segredo, denunciam um desejo latente de serem revelados" (GETÚLIO Vargas, 1995, v.1: VIII). Diários podem manter uma relação íntima com a história de vida do autor e os fatos por ele relatados. Podem recompor uma relação de alteridade, um diálogo do eu consigo mesmo. Podem enfim, estabelecer uma conversa interior entre a vida e a morte. Neste caso, é a morte como destruição da memória que o autor deseja impedir.

A historiadora Maria Helena P. T. Machado (1998) trouxe a lume os manuscritos de um diário íntimo de José Vieira Couto de Magalhães, personagem consagrado no Panteão dos heróis do Império, foi general do Exército nacional, folclorista, sertanista e intelectual autor de livros seminais como *Viagem ao Araguaia* (1863), *O selvagem* (1876) e *Ensaios de Antropologia* (1894). Foi presidente das províncias de Goiás, Mato Grosso, Pará e São Paulo em diferentes momentos, tendo se destacado durante a campanha do Brasil na Guerra do Paraguai. Ao esmiuçar os registros de Couto de Magalhães, a autora se defrontou como era de se esperar com constantes relatos e reminiscências do autor relacionadas a expedições por rios caudalosos e sertões infindáveis. No entanto, algumas características da personalidade individual transparecem outro Couto, o hipocondríaco acometido de sífilis, um atormentado a transcrever seus sonhos e devaneios noturnos, com passagens homoeróticas codificadas em

tupi-guarani, língua marginal que conhecia profundamente e com o qual pratica um exercício de alteridade para manifestar uma sexualidade que só poderia se sustentar no âmbito privado.

Escreve durante sua estadia em Londres, melancólico, desejoso de aproximar-se do mundo natural com o qual entrara em contato na juventude. Desenvolve assim uma crônica do cotidiano com o qual procura repassar sua vida para melhor compreendê-la e controlá-la.

Em seu diário Couto de Magalhães parece menos preocupado com sua autoimagem "heroica" do que Vargas. Suas reminiscências revelam uma estratégia de fuga de um presente que revela a finitude de sua existência, se dedicando com afinco a trabalhar com suas memórias e com o "diário dos sonhos" em exercício de subjetivação. Outro diário de Couto de Magalhães havia sido publicado em 1974, em versão fac-similar com prefácio de Pedro Brasil Bandecchi. Interessante notar que sua família teria censurado e expurgado passagens comprometedoras que talvez mostrassem um perfil mais humano e menos conveniente da personagem heroica que desejava resguardar. O que se percebe é a necessidade de reatualização da personagem bastante perceptível na publicação de seu diário íntimo em 1998, quando certos detalhes e informações de caráter privado, que no passado poderiam constranger ou embaraçar, com a mudança no papel social do indivíduo se tornaram mais relevantes que as de caráter oficial e mistificador.

Um terceiro personagem escolhido para completar essa análise é a de Cândido Mariano da Silva Rondon, militar e sertanista, que resolveu narrar sua vida a Esther de Viveiros, que contou com os manuscritos originais de seus diários de campo. A biografia (ou autobiografia) veio a lume um ano após a morte do marechal Rondon em 1958. Em **Rondon conta sua vida**, com prefácio de Rachel de Queirós, emana um projeto no qual Cândido Rondon envelhecido e parcialmente cego, procura repassar os eventos mais marcantes de sua longa jornada como membro de Comissões Construtoras de Linhas Telegráficas no desconhecido sertão brasileiro. Parece identificar seu esforço com o dos bandeirantes de outrora, em campanhas sertanistas e de desbravamento da fronteira nacional. Sua formação na Escola Militar da Praia Vermelha, no Rio de Janeiro, o aproximou do movimento republicano e do positivismo de caráter religioso professado por Miguel Lemos. Sua origem mato-grossense, reafirma sua descendência indígena (guainá, terena e xavante), que teriam predisposto as difíceis condições em que teve de desenvolver suas atividades nas primeiras campanhas sertanistas, o que o levaria a condição de líder no longo aprendizado com o coronel Gomes Carneiro.

Sua consagração se daria no governo de Afonso Pena quando estendeu as linhas telegráficas aos confins do estado do Amazonas e do território de Guaporé. Destacou-se como promotor da criação do Serviço de Proteção aos Índios (SPI) nos anos 1910 e na expedição científica com o ex-presidente norte Americano Theodore Roosevelt em 1914, quando resolvera investigar o rio da Dúvida. No serviço de Inspeção de Fronteiras continuou suas atividades sertanistas, mas passou ao largo da Revolução de 1930, e o declínio talvez o tenha levado ao esforço final de registro de seus feitos através de uma acompanhante fiel aos seus preceitos positivistas, Esther de Viveiros.

Essa faceta sertanista, de desbravador das fronteiras projetado por Rondon em sua autobiografia confirma apenas a avaliação de seu contemporâneos, como um herói nacional curiosamente mais parecido com Euclides da Cunha, por sua confiança ingente na República, no progresso e no positivismo, do que pela vida privada marcada pela tragédia pessoal, ou pela perspectiva militar engajado na aventura. Porém, não possuía os dotes intelectuais que seria o elementos de destaque na trajetória de Couto de Magalhães e do próprio Euclides da Cunha, mas certamente era um homem de ação como o seria Getúlio Vargas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. In: **Estudos Históricos**. CEPEDOC/FGV, v.11, n.21, Rio de Janeiro, 1998, pp. 9-33.

BORDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Orgs.). **Usos e abusos da História Oral**. 8.ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p.183-191. BURKE, Peter. A invenção da biografia e o individualismo renascentista. In: *Estudos Históricos*, v.10, n.19, 1997, p.83-97. [dossiê: Indivíduo, biografia e história].

CALLIGARIS, Contardo. Verdades de Autobiografias e Diários Íntimos. In: **Estudos Históricos**. CEPEDOC/FGV, v.11, n.21, Rio de Janeiro, 1998.

DOSSE, François. **O desafio biográfico**: escrever uma vida. Tradução de Gilson César C. de Souza. São Paulo: Edusp, 2009.

FRAIZ, Priscila. A dimensão autobiográfica dos Arquivos Pessoais: o Arquivo de Gustavo Capanema. In: **Estudos Históricos**, v.11, n.21, 1998, p.59-87.

FOCAULT, Michael. **O que é um autor?** Lisboa: VCGA, 1992.

GETÚLIO Vargas: **diário**. Apresentação de Celina do Amaral Peixoto; Edição de Leda Soares [Pesquisadores: Maria Celina D`Araujo, Regina Luz Moreira e Ângela de Castro Gomes]. São Paulo: Siciliano; Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1995. 2v. il. 20.

GOMES, Ângela de Castro (org.). **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro, Editora da FGV, 2004.

GOMES, Ângela de Castro. Nas malhas do Feitiço: o historiador e os encantos dos Arquivos Privados. In: **Estudos Históricos**. CEPEDOC/FGV, v.11, n.21, Rio de Janeiro, 1998, p.121-7.

GOMES, Ângela de Castro; SCHMIDT, Benito Bisso (Orgs.). *Memórias e narrativas (auto)biográficas*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.

HENRIQUE, Márcio Couto. **Um toque de voyeurismo**: o diário íntimo de Couto de Magalhães (1880-1887). tese (doutorado em Ciências Sociais). Belém, UFPA, 2008, 315p.

LEJEUNE, Phillipe. **O pacto autobiográfico**: de Rosseau à internet. Jovita Maria G. Noronha (org.). Tradução de Jovita Maria G. Noronha e Maria Inês C. Guedes. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

LORIGA, Sabina. **O pequeno X**: da biografia à história. Tradução de Fernando Scheib. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

MAGALHÃES, José Vieira Couto de. **Diário Íntimo**. Organização de Maria Helena P. T. Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

VIVEIROS, Esther de (org.). **Rondon conta a sua vida**. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1958.